

COLECÇÃO VIDA E CULTURA

RUTH BENEDICT

PADRÕES DE  
CULTURA

TRADUÇÃO DE  
ALBERTO CANDEIAS

*Alberto Candeias*  
*MAR/82*



EDIÇÃO «LIVROS DO BRASIL» LISBOA  
Rua dos Caetanos, 22

CAPA DE A. PEDRO

*Reservados todos os direitos pela legislação em vigor*

Edição feita por acordo com a  
ROWOHLTS DEUTSCHE ENZYKLOPÄDIE

## A CIENCIA DO COSTUME

### *Costumes e Comportamento*

**A** antropologia ocupa-se dos seres humanos como produtos da vida em sociedade. Fixa a sua atenção nas características físicas e nas técnicas industriais, nas convenções e valores que distinguem uma comunidade de todas as outras que pertencem a uma tradição diferente.

O que distingue a antropologia das outras ciências sociais é o ela incluir no seu campo, para as estudar cuidadosamente, Sociedades que não são a nossa sociedade. Para os seus fins qualquer norma social de casamento e de reprodução tem tanto significado como aquelas que nos são próprias, mesmo que seja a dos Dyaks do Mar, e não tem qualquer possível relação histórica com a da nossa civilização. Para o antropologista, os nossos costumes e os de uma tribo da Nova Guiné são dois esquemas sociais possíveis, que tratam do mesmo problema, e cumpre ao antropologista enquanto antropologista, evitar toda e qualquer apreciação de um em favor do outro. Interessa-o a conduta humana, não como é modelada por uma certa tradição, a nossa tradição, mas como o foi por qualquer tradição, seja ela qual for. Interessa-o a vasta gama de costumes que existe em culturas diferentes, e o seu objectivo é

compreender o modo como essas culturas se transformam e se diferenciam, as formas diferentes por que se exprimem, e a maneira como os costumes de quaisquer povos funcionam nas vidas dos indivíduos que os compõem.

Ora o costume não tem sido considerado assunto de grande importância. O funcionamento íntimo do nosso cérebro, eis o que nos parece constituir a única coisa digna de estudo; o costume, temos tendência para pensar, é conduta na sua forma mais vulgar. De facto, o contrário é que é verdade. O costume tradicional, considerado pelo mundo em geral, é uma massa de conduta pormenorizada mais espantosa do que o que qualquer pessoa pode jamais revelar nas acções individuais, por mais aberrantes. E no entanto isto é um aspecto um tanto trivial da questão. O que é verdadeiramente importante é o papel predominante que o costume desempenha no que se experimenta na vida diária e no que se crê, e as verdadeiramente grandes variedades sob que pode manifestar-se.

#### *A herança da criança*

Não há ninguém que veja o mundo com uma visão pura de preconceitos. Vê-o, sim, com o espírito condicionado por um conjunto definido de costumes, e instituições, e modos de pensar. Nem mesmo nas suas concepções filosóficas ele consegue subtrair-se a esses estereótipos; até os seus conceitos do verdadeiro e do falso são ainda referidos aos seus particulares costumes tradicionais. John Dewey disse perfeitamente a sério que o papel desempenhado pelo costume no moldar do comportamento do indivíduo, comparado com qualquer maneira por que este possa afectar o costume tradicional, está na mesma proporção que a totalidade do vocabulário da sua língua materna comparada com os termos da sua linguagem infantil adoptados no vernáculo da família. Quando se estudam a sério ordens sociais que se puderam desenvolver autono-

mente, aquela comparação não é mais que uma exacta observação de facto. A história da vida individual de cada pessoa é acima de tudo uma acomodação aos padrões de forma e de medida tradicionalmente transmitidos na sua comunidade de geração para geração. Desde que o indivíduo vem ao mundo os costumes do ambiente em que nasceu moldam a sua experiência dos factos e a sua conduta. Quando começa a falar, ele é o frutozinho da sua cultura, e quando crescido e capaz de tomar parte nas actividades desta, os hábitos dela são os seus hábitos, as crenças dela, as suas crenças, as incapacidades dela, as suas incapacidades. Todo aquele que nasça no seu grupo delas partilhará com ele, e todo aquele que nasça num grupo do lado oposto do globo adquirirá a milésima parte dessa herança. Nenhum outro problema social nos cabe mais forçosamente conhecer do que este do papel que o costume desempenha na formação do indivíduo. Enquanto não pudermos compreender as suas leis e as suas variedades, os principais factos que complicam a vida humana continuarão a ser para nós ininteligíveis.

#### *A nossa falsa perspectiva*

O estudo do costume só nos pode aproveitar depois de aceitarmos certos postulados; e alguns desses postulados têm encontrado erguida contra si uma oposição violenta. Em primeiro lugar todo o estudo científico exige a ausência de tratamento preferencial de um ou outro dos termos da série escolhida para ser estudada. Em todos os campos menos sujeitos a controvérsia, como o estudo dos cactos, ou das térmitas, ou da natureza das nebulosas, o método de estudo a seguir é o de agrupar o material significativo e registar todas as possíveis formas e condições variantes. Foi deste modo que aprendemos tudo o que sabemos das leis da astronomia, ou dos hábitos dos insectos sociais, por exemplo. Só no estudo

do próprio homem é que as mais importantes ciências sociais substituíram aquele método pelo estudo de uma variação local — a civilização Ocidental.

A antropologia foi, por definição, impossível enquanto estas distinções entre nós próprios e o primitivo, nós próprios e o bárbaro, nós próprios e o pagão, nos dominaram o espírito. Foi necessário começar por atingir aquele grau de afinamento intelectual em que já não pomos a nossa crença em contraste com a superstição do nosso vizinho; foi necessário saber reconhecer que aquelas instituições que assentam nas mesmas premissas, isto é: o sobrenatural, devem ser consideradas sob o mesmo ângulo, aquelas como a nossa própria, para que tal impossibilidade desaparecesse.

Na primeira metade do século XIX este postulado elementar não podia ocorrer nem sequer ao espírito mais esclarecido dentre as pessoas da civilização Ocidental. O homem, através de toda a sua história, defendeu como um ponto de honra a ideia da sua incomparabilidade, do seu carácter de ser excepcional. No tempo de Copérnico esta reivindicação de supremacia era de tal modo ambiciosa que incluía mesmo a Terra em que ele vive, e o século XIV recusou-se com paixão a admitir a subordinação deste planeta a ocupar apenas um lugar entre os outros no sistema solar. No tempo de Darwin, tendo cedido ao inimigo o sistema solar, o homem lutou com todas as armas de que dispunha pela exclusividade da alma, atributo inconcebível dado por Deus ao homem, de maneira tal que negou a descendência do homem de quaisquer membros do reino animal. Nem a falta de continuidade lógica da argumentação, nem quaisquer dúvidas sobre a natureza dessa «alma», nem sequer a circunstância de o século XIX não ter procurado afirmar a sua fraternidade com quaisquer estranhos ao grupo — nenhum destes factos contaram contra a magnífica exaltação que se manifestou rapidamente perante a indignidade que a evolução propunha contra o conceito da excepcionalidade do homem, ser único entre os seres.

Ambas essas batalhas se podem considerar ganhas — se não já, pelo menos em breve; mas a luta só mudou de frente. Hoje estamos perfeitamente dispostos a admitir que a revolução da terra em torno do Sol, ou a descendência animal do homem, quase nada têm que ver com a excepcionalidade das nossas realizações humanas. Se habitamos um qualquer planeta dentre miríades de sistemas solares, tanto maior glória para nós, e se todas as heteróclitas raças humanas estão ligadas, por evolução, com o animal, tanto mais radicais são as diferenças demonstráveis entre nós e qualquer animal, e tanto mais notável é a unicidade das nossas instituições. Mas as nossas realizações, as nossas instituições são únicas, incomparáveis; são de uma ordem diferente das das raças inferiores e têm de ser protegidas a todo o custo. De sorte que, ou seja uma questão de imperialismo, ou de preconceito de raça, ou de comparação entre Cristianismo e paganismo, continuamos envaidecidos com a unicidade, não das instituições humanas do mundo em geral, com que, aliás, nunca ninguém se preocupou, mas das nossas próprias instituições e realizações, da nossa civilização.

#### *Confusão de costume local com Natureza humana*

A civilização Ocidental, devido a circunstâncias históricas fortuitas, teve uma expansão mais vasta do que a de qualquer outro grupo local até hoje conhecido. Estandardizou-se por sobre a maior parte do globo, e fomos, pois, levados a aceitar uma crença na uniformidade da conduta humana, que noutras circunstâncias não teria surgido. Até povos muito primitivos têm, por vezes, muito mais forte consciência do que nós, os ocidentais, do papel das feições culturais, e por muito boas razões. Sofreram a experiência íntima de culturas diferentes. Viram a sua religião, o seu sistema económico, as suas restrições matrimoniais tombarem perante o branco. Renunciaram

a umas e aceitaram outras, muitas vezes com bem grande incompreensão delas; mas vêem com clareza que existem vários arranjos da vida humana. Atribuirão, por vezes, certos caracteres dominantes do branco à sua concorrência comercial, ou às suas instituições militares, muito da forma por que o fazem os antropologistas.

O branco, esse, tem tido uma experiência diferente. Nunca, porventura, terá visto um homem de outra civilização, a não ser que o homem de outra civilização já esteja europeizado. Se viajou, muito provavelmente fê-lo sem nunca ter ficado fora de um hotel cosmopolita. Pouco sabe de quaisquer maneiras de viver que não sejam as suas. A uniformidade de costumes, de pontos de vista, que vê em volta de si parecem-lhe suficientemente convincentes, e esconde das suas vistas o facto de que se trata, afinal, de um acidente histórico. Aceita sem mais complicações a equivalência da natureza humana e dos seus próprios padrões de cultura.

E no entanto, a grande expansão da civilização branca não é uma circunstância histórica isolada. O grupo Polinésio, em épocas relativamente recentes, espalhou-se desde Ontong, Java, até à Ilha da Páscoa, de Havai até à Nova Zelândia; e as tribos de Língua Bantu espalharam-se desde o Sara à África do Sul. Mas nós em nenhum caso consideramos esses povos como mais do que uma variação local hipertrofiada da espécie humana. A civilização Ocidental teve todas as suas invenções em meios de transporte e todas as suas organizações comerciais de largo âmbito, a apoiar a sua vasta dispersão, e é fácil compreender historicamente como isto se deu.

#### *A nossa cegueira perante outras culturas*

As consequências psicológicas desta expansão da cultura branca têm sido desproporcionadas quando comparadas com as consequências materiais. Esta difusão cultural em grau

mundial têm-nos impedido, como nunca o homem o foi até aqui, de tomar a sério as civilizações dos outros povos; tem feito que a nossa cultura e a nossa universalidade maciça tenham, desde há muito tempo, deixado de tomar em consideração o que é de essência histórica, e que assentámos ser, pelo contrário, necessário e inevitável. Interpretamos a dependência, em que estamos na nossa civilização, da concorrência económica, como prova de que esta é a primeira causa determinante em que a natureza pode confiar, ou resolvemos, sem mais, que o comportamento das crianças tal como é moldado pela nossa civilização e registado nas clínicas para crianças, é psicologia infantil ou o modo por que o animal humano jovem tem de se comportar. O mesmo se dá quer se trate da nossa ética quer da nossa organização familiar. O que defendemos é a inevitabilidade de cada motivação familiar, tentando sempre identificar os nossos modos locais de comportamento, com *Comportamento*, ou os nossos próprios hábitos em sociedade, com *Natureza Humana*.

Ora o homem moderno fez desta tese uma das circunstâncias vitais do seu pensar e da sua conduta prática, mas as fontes de que ela provém recuam até ao que, a avaliar pela sua existência universal entre povos primitivos, parece ser uma das mais primitivas distinções humanas, a diferença qualitativa entre «o meu próprio» grupo fechado, e o que a ele é estranho. Todas as tribos primitivas concordam em reconhecer esta categoria dos estranhos ao seu grupo, aqueles que não só estão fora das disposições do código moral que é observado dentro dos limites do grupo de cada uma, mas a quem sumariamente se nega um lugar no esquema humano. Um grande número dos nomes de tribos comumente usados, *Zuñi*, *Déné*, *Kiowa*, e outros, são nomes por meio dos quais povos primitivos se reconhecem a si próprios, e são os termos nativos que designam «seres humanos», isto é, *eles próprios*. Fora do grupo fechado não há seres humanos. E isto, a despeito do facto de, de um ponto de vista objectivo, cada tribo

estar rodeada por povos que partilham das suas artes e invenções materiais, de práticas complicadas que se desenvolveram através de trocas mútuas de comportamento entre um povo e outro.

O homem primitivo nunca considerou o mundo nem viu a *Humanidade* como se fosse um grupo, nem fez causa comum com a sua espécie. Desde início foi um habitante de uma província que se isolou por meio de altas barreiras. Quer se tratasse de escolher mulher ou de cortar uma cabeça, a primeira distinção que fazia, e a mais importante, era entre o seu próprio grupo humano e os *fora do grémio*. O seu grupo e todos os seus modos de comportamento, eram únicos.

De modo que o homem moderno, quando distingue Povo Eleito e estrangeiros perigosos, grupos dentro da sua própria civilização genética e culturalmente aparentados um com o outro, como quaisquer tribos na selva australiana o são, tem por trás da sua atitude a justificação de uma longa continuidade histórica. Os pigmeus têm as mesmas pretensões. E não nos é fácil libertarmo-nos de uma feição humana tão fundamental, mas podemos, pelo menos aprender a confessar a sua história e as suas polimorfias manifestações.

Uma dessas manifestações, e aquela que é muitas vezes citada como primária e condicionada mais por emoções religiosas do que por este mais generalizado provincialismo, é a atitude universalmente sustentada nas civilizações Ocidentais, na medida em que a religião se conservou entre elas uma circunstância viva. A distinção entre qualquer grupo fechado e povos estranhos torna-se, em termos de religião, a de verdadeiros crentes e de pagãos. Durante milhares de anos não havia pontos de contacto entre estas duas categorias. Não havia numa delas, ideias ou instituições que fossem válidas na outra. Pelo contrário, todas as instituições eram consideradas antagónicas, só por pertencerem a uma ou a outra das, muitas vezes, levemente diferenciadas religiões: de um lado era uma questão de Verdade Divina e de verdadeiro crente, de revelação

e de Deus; do outro era uma questão de erro mortal, de fábulas, do maldito e de demónios. Não se tratava de equacionar as atitudes dos grupos em oposição, e por consequência, de compreender através de dados estudados objectivamente a natureza desta importante feição humana—religião.

### *Preconceitos de raça*

Nós sentimos uma certa superioridade justificada quando se aceita uma caracterização, como esta, da atitude religiosa padrão. Pelo menos desembaraçámo-nos daquela absurdidade especial, e aceitámos estudar comparadamente as religiões. Mas considerando o alcance que uma atitude semelhante tem tido na nossa civilização sob a forma de, por exemplo, preconceitos de raça, justifica-se certo cepticismo quanto a ser a nossa largueza de vistas, em questões de religião, devida ao facto de termos superado a cândida infantilidade de visão, ou simplesmente ao facto de a religião ter deixado de ser o tablado em que se põem em cena as grandes batalhas da vida moderna. Nas questões realmente vitais da nossa civilização parece estarmos ainda longe de ter adquirido a atitude desinteressada que tão largamente alcançámos no campo da religião.

Outra circunstância fez do estudo sério do costume uma disciplina ainda em atraso e muitas vezes cultivada com hesitação, e esta é uma circunstância mais difícil de vencer do que aquelas a que vimos de nos referir. O costume não provocou a atenção dos teorizadores sociais porque ele constituía a própria substância do seu pensar: era, por assim dizer, a lente sem a qual nada podiam ver. Precisamente porque era fundamental, existia fora da sua atenção consciente. Tal cegueira nada tem de enigmático. Depois de um investigador reunir os vastos dados necessários para o estudo de créditos internacionais, ou do processo de aprender, ou do narcisismo como factor de psiconeuroses, é por intermédio e dentro deste corpo

de dados que o economista, ou o psicologista, ou o psiquiatra operam. Não toma em consideração o facto de outros complexos sociais em que, porventura, todos os factores se dispõem de uma maneira diferente: Isto é, não conta com o condicionamento cultural. Vê o aspecto que está a estudar como manifestando-se de modos conhecidos e inevitáveis, e apresenta estes como se fossem absolutos, porque a eles se reduzem todos os materiais que lhe servem para trabalhar racionalmente. Identificam-se atitudes locais da década de trinta, com natureza humana, e a sua caracterização, com Economia e Psicologia.

Na prática, isto, muitas vezes, não importa. Os nossos filhos devem ser educados na nossa tradição pedagógica, e o estudo do processo de aprendizagem nas nossas escolas é o que realmente importa. Da mesma forma se justifica o encolher de ombros com que muitas vezes se acolhe uma discussão de outros sistemas económicos que não o nosso. Afinal, temos de viver dentro do quadro do meu e do teu que a nossa particular cultura estabelece.

Isto é, realmente, assim, e o facto de as variedades de culturas se poderem discutir melhor tais como existem em espaço, é pretextó para a nossa *nonchalance*. Mas é apenas a limitação de material histórico o que impede que se tirem exemplos da sucessão das culturas em tempo. Essa sucessão é coisa a que não podemos furtar-nos, mesmo que o queiramos, e quando olhamos mesmo só uma geração para trás que seja, então compreendemos até que ponto foi longe a revisão, por vezes no nosso mais íntimo comportamento. Até aqui tais revisões têm sido não deliberadas, mas o resultado das circunstâncias que só retrospectivamente podemos figurar. E se não fosse a nossa relutância em enfrentar mudanças culturais em questões essenciais, enquanto elas se nos não impõem, não seria impossível assumir uma atitude mais inteligente e autorizada. *Aquela relutância é em grande parte um resultado da nossa incompreensão das convenções culturais, e especialmente uma sublimação daquelas que pertencem à nossa nação e à*

nossa década. Um conhecimento mesmo escasso de outras convenções e de como elas podem ser diferentes das nossas, contribuiria muito para promover uma ordem social racional.

O estudo de culturas diferentes tem ainda outro alcance muito importante sobre o pensamento e o comportamento de hoje em dia. A vida moderna pôs muitas civilizações em contacto íntimo, e no momento presente a reacção dominante a esta situação é o nacionalismo e o snobismo racial. Nunca, mais do que hoje, a civilização teve necessidade de indivíduos bem conscientes do sentido de cultura, capazes de verem objectivamente o comportamento socialmente condicionado de outros povos sem temor e sem recriminação.

Desdém pelo estrangeiro não é a única solução possível do nosso actual contacto de raças e nacionalidades; esta nem sequer é uma solução cientificamente alicerçada. A tradicional intolerância anglo-saxónica é uma feição cultural, local e temporal como qualquer outra. Mesmo um povo tão aproximadamente do mesmo sangue e da mesma cultura como o espanhol dela não sofreu, e o preconceito de raça nos países de colonização espanhola é uma coisa completamente diferente do dos países dominados pela Inglaterra e pelos Estados Unidos. Nestes não se trata evidentemente de uma intolerância dirigida contra a mistura de sangue de raças biologicamente muito distantes, porque ocasionalmente a exaltação é tão grande contra o católico irlandês em Bóston, ou o italiano na Nova Inglaterra, como contra o Oriental na Califórnia. É a velha distinção entre o grupo de dentro e o grupo de fora, e se neste aspecto continuamos a tradição primitiva, temos muito menos desculpa do que as tribos selvagens. Nós viajamos, orgulhamo-nos das nossas vistas desempoeiradas. Mas não conseguimos compreender a relatividade dos hábitos culturais, e continuamos privados de muito proveito e de muito prazer nas nossas relações humanas com povos de diferentes tipos de cultura, e a não ser dignos de confiança nas nossas relações com eles.

O reconhecimento da base cultural do preconceito de raça é hoje uma necessidade desesperada na civilização Ocidental. Chegámos a um ponto em que alimentamos preconceitos de raça contra os nossos irmãos de sangue, os Irlandeses, e em que a Noruega e a Suécia falam da sua inimizade como se também eles representassem sangues diferentes. A chamada linha racial, durante uma guerra em que a França e a Alemanha se batem em campos opostos, mantém-se para dividir o povo de Baden do da Alsácia, ainda que somaticamente ambos pertençam à sub-raça alpina. Numa época de movimentos sem embaraços e de casamentos mistos na ascendência dos elementos mais desejáveis da comunidade, pregamos, sem corar de vergonha, o evangelho da raça pura.

*O homem moldado pelo costume não pelo instinto*

A isto a antropologia dá duas respostas. A primeira respeita à natureza da cultura, e a segunda à natureza da herança. A resposta respeitante à natureza da cultura leva-nos até às sociedades pré-humanas. Há sociedades em que a Natureza perpetua o mais ténue modo de comportamento por meio de mecanismos biológicos, mas tais sociedades não são de homens, são de insectos. A formiga rainha, transportada para um ninho solitário, reproduzirá todas as feições do comportamento sexual, todos os pormenores do ninho. Os insectos sociais representam a Natureza não disposta a correr quaisquer riscos. O padrão de toda a estrutura social, confia-o ao comportamento instintivo da formiga. Não há maior número de probabilidades de as classes sociais de uma sociedade de formigas ou de os seus padrões de agricultura se perderem pela separação de uma formiga do seu grupo do que de a formiga não vir a reproduzir a forma das suas antenas ou a estrutura do seu abdómen.

Feliz ou infelizmente, a solução do homem ocupa o pólo

oposto. Nada da sua organização social tribal, da sua linguagem, da sua religião local é transportado na sua célula germinal. Na Europa, em séculos passados, quando se encontravam crianças que tinham sido abandonadas e se tinham conservado em florestas, separadas de outros seres humanos, eram de tal modo parecidas entre si que Lineu as classificou como uma espécie à parte, *Homo ferus*, e supôs que eram uma espécie de anões raros. Não podia conceber que tivessem nascido de homens, esses brutos idiotas, esses seres sem interesse no que se passava à sua volta, oscilando ritmicamente para trás e para diante como qualquer animal de jardim zoológico, com órgãos da fala e da audição que mal podiam educar-se, que resistiam ao frio apenas com uns farrapos e tiravam batatas de água a ferver sem o menor incómodo. É claro que não havia qualquer dúvida que se tratava de crianças abandonadas na infância, e o que a todas faltara fora a associação com os seus semelhantes, só através da qual as faculdades do homem se afinam e ganham forma.

Hoje, na nossa civilização, mais humanitária, já não se encontram crianças selvagens. Mas o facto ressalta com igual clareza de qualquer caso de adopção de uma criança em outra raça ou cultura. Uma criança Oriental adoptada por uma família Ocidental, aprende inglês, revela para os seus pais adoptivos as atitudes correntes entre as crianças com quem brinca, e encarreira-se para as mesmas profissões que elas escolhem. Aprende todo o conjunto de feições culturais da sociedade que adoptou, e o grupo dos seus verdadeiros progenitores não desempenha em tudo isto qualquer papel. O mesmo se passa em grande escala quando populações inteiras se desembaraçam da sua cultura tradicional em duas ou três gerações e adoptam os costumes de um grupo estrangeiro. A cultura do Negro americano nas cidades do norte veio a aproximar-se em todos os pormenores da dos brancos nas mesmas cidades. Há alguns anos, quando se fez um recenseamento cultural em Harlém, um dos traços peculiares aos

Negros era a moda que seguiam de apostar nos três últimos algarismos dos investimentos da bolsa no dia seguinte. Pelo menos saía mais barato do que a correspondente predilecção dos brancos por jogarem na própria bolsa, e tinha a mesma incerteza e era igualmente excitante. Era uma variante do padrão branco, mas nem por isso se afastava muito dele. E a maioria das feições de Harlém conservam-se ainda mais próximas das formas correntes em grupos brancos.

Por toda a parte, e desde o princípio da história do homem, se demonstra que certos povos puderam adoptar a cultura de povos de outro sangue. Não há na estrutura biológica do homem nada que torne isto sequer difícil, muito menos impossível. O homem não é obrigado, pela sua constituição biológica, a obedecer em pormenor a qualquer variedade particular de comportamento. A grande diversidade de soluções elaboradas por ele em diferentes culturas relativamente à união dos sexos, por exemplo, ou ao comércio, são todas igualmente possíveis na base dos seus dotes originais. A cultura não é um complexo que seja transmitido biologicamente.

O que se perde em garantia de segurança dada pela Natureza é compensado pelas vantagens de uma maior plasticidade. No animal humano não se desenvolve, como no urso, um revestimento de pêlos que o resguardam do frio, com o resultado de, depois de muitas gerações, se adaptar aos rigores árticos. Ele aprende, sim, a fazer agasalhos e a construir uma casa de neve. Pelo que nos diz a história da inteligência nas sociedades pré-humanas, como nas humanas, esta plasticidade foi o húmus em que o progresso humano começou a crescer e em que se tem mantido vivo. Nos tempos dos mamutes, espécies sobre espécies sem plasticidade surgiram, ultrapassaram-se e desapareceram, vítimas do desenvolvimento daquelas mesmas feições que a adaptação ao ambiente nelas tinha produzido. Os animais carnívoros e por fim os símios superiores vieram lentamente a apoiar-se em adaptações não meramente biológicas, e foi sobre a consequente plasticidade assim aumentada

que se estabeleceram, pouco a pouco, as fundações para o desenvolvimento da inteligência. Talvez, como muitas vezes se sugere, o homem venha a destruir-se a si próprio em virtude exactamente do desenvolvimento da sua inteligência. Mas nunca ninguém se lembrou de aventar quaisquer meios por que possamos voltar aos mecanismos do insecto social; de modo que não nos resta qualquer alternativa. A herança cultural humana, para nosso bem ou para nosso mal, não se transmite biologicamente.

O corolário que daqui deriva em política moderna é que não há qualquer fundamento no argumento de que podemos confiar as nossas conquistas espirituais e culturais a quaisquer plasmata germinais especiais hereditários. Na nossa civilização Ocidental a liderança passou, em diferentes períodos, sucessivamente para os Hamitas, para o subgrupo Mediterrâneo da raça branca e finalmente para os Nórdicos. Não há qualquer dúvida acerca da realidade do facto da continuidade cultural da civilização, seja quem for o seu portador em dado momento. Temos de aceitar todas as implicações da nossa herança humana, uma das maiores das quais é a inimportância relativa do comportamento biologicamente transmitido, e o papel enorme do processo cultural da transmissão da tradição.

*A «pureza racial» é uma ilusão*

A segunda resposta dada pela antropologia ao argumento do purista racial, respeita à natureza da hereditariedade. O purista racial é a vítima de um mito. Porque, o que vem a ser «herança racial»? Sabe-se mais ou menos o que é herança de pai para filho. Dentro de uma linhagem familiar a importância da hereditariedade é imensa. Mas hereditariedade é uma questão de linhagens familiares. Para além disso é mito. Em comunidades pequenas e estáticas, como uma aldeia Esquimó isolada, hereditariedade racial e hereditariedade de filho e pais são pra-

ticamente equivalentes, e nessas condições a expressão hereditariedade racial faz sentido. Mas como conceito aplicado a grupos espalhados por uma área vasta, digamos, no caso dos Nórdicos, não tem qualquer base real. Em primeiro lugar, em todas as nações nórdicas há linhagens de família que também são representadas em comunidades alpinas ou mediterrâneas. Qualquer análise da constituição física de uma população europeia apresenta zonas de sobreposição: o Sueco de olhos e cabelos escuros representa linhagens de família que são mais concentradas para o Sul, mas ele deve ser considerado em relação ao que sabemos destes últimos grupos. A sua hereditariedade, na medida em que tem qualquer realidade física, é uma questão da sua linhagem de família, que não se confina à Suécia. Não sabemos até que ponto tipos físicos podem variar sem entremistura. Sabemos que o intracruzamento provoca o aparecimento de um tipo local. Mas este caso quase não se dá na nossa cosmopolita civilização branca, e quando se invoca a «hereditariedade racial», como é habitual, para reunir um grupo de pessoas com, aproximadamente, a mesma posição económica, com cursos de, aproximadamente, as mesmas escolas, e que lêem os mesmos semanários, tal categoria é nada mais do que outra versão do grupo dentro do grémio e do grupo fora do grémio, e não se refere à verdadeira homogeneidade biológica do grupo.

O que na realidade liga os homens é a sua cultura — as ideias e os padrões que têm em comum. Se em vez de escolher um símbolo como hereditariedade de sangue comum, e de o arvorar em *moto*, a nação dirigisse antes a sua atenção para a cultura que une o seu povo, pondo em relevo os seus méritos e reconhecendo os diferentes valores que se podem desenvolver numa cultura diferente, substituiria uma espécie de simbolismo perigoso por ser enganador. por um pensar realista.

### *Razão para se fazer o estudo de povos primitivos*

No pensar social é necessário um conhecimento de diferentes formas de cultura, e este livro ocupa-se deste problema da cultura. Como acabámos de ver, forma do corpo, ou raça, é separável de cultura, e, para o fim que temos em vista, tal conceito pode ser posto de parte, excepto em certos pontos em que por qualquer razão especial passe a ser relevante. Uma discussão de cultura exige em primeiro lugar que se baseie numa larga selecção de formas culturais possíveis. Só assim poderemos distinguir entre aqueles ajustamentos humanos culturalmente condicionados e os que são comuns e, tanto quanto podemos saber, inevitáveis, na humanidade. Não podemos, por introspecção ou por observação de qualquer sociedade, descobrir que comportamento é «instintivo», isto é, organicamente determinado. Para classificarmos de instintivo qualquer comportamento, não basta provar que ele é automático. O reflexo condicionado é tão automático como o determinado organicamente, e reacções culturalmente condicionadas constituem a maioria do nosso vasto equipamento de comportamento automático.

Por consequência o material mais significativo para o caso de uma discussão de formas e processos culturais é o das sociedades tanto quanto possível historicamente pouco relacionadas com a nossa e entre si. Com a vasta rede de contactos históricos que as grandes civilizações espalharam sobre enormes áreas, as culturas primitivas são hoje a única fonte a que devemos recorrer. Elas são um laboratório em que podemos estudar a diversidade de instituições humanas. Com o seu relativo isolamento, muitas regiões primitivas tiveram ao seu dispor vários séculos em que puderam elaborar os temas culturais de que se apropriaram. Fornecem-nos, prontas para serem estudadas, informações relativas a possíveis grandes variações em ajustamentos humanos, e para qualquer compreensão dos processos culturais é essencial um exame crítico desses ajustamentos.

É este o único laboratório de formas sociais de que dispomos ou disporemos.

Este laboratório tem outra vantagem. Os problemas põem-se aqui em termos mais simples do que nas grandes civilizações Ocidentais. Com as invenções que tornam fáceis os transportes, com cabos internacionais, telefones, rádiotransmissão, aquelas invenções que asseguram permanência e vasta distribuição da imprensa, o desenvolvimento de grupos profissionais, cultos e classes em concorrência e a sua uniformização por todo o mundo, a civilização moderna tornou-se demasiadamente complexa para ser convenientemente analisada, excepto quando, para isso, se fraccione em pequenas secções artificiais. E estas análises parciais são inadequadas porque muitos factores externos que se apresentam não podem ser controlados. Uma revista de qualquer grupo envolve indivíduos provenientes de grupos heterogêneos opostos, com padrões diferentes, diferentes objectivos sociais, relações familiares e moralidade. A inter-relação destes grupos é demasiadamente complicada para a avaliarmos com o necessário pormenor. Na sociedade primitiva, a tradição cultural é suficientemente simples para que o saber de cada adulto a abranja, e os modos de proceder e a moral do grupo ajustam-se a um padrão geral bem definido. É possível neste ambiente simples, avaliar a inter-relação de aspectos de uma forma impossível nas correntes que se chocam na nossa complexa civilização.

Nenhuma destas razões para insistir nos factos de cultura primitiva tem nada que ver com o uso que classicamente se tem feito deste material. Este uso visava à reconstituição de origens. Os antropologistas anteriores tentavam dispor todos os aspectos de culturas diferentes numa sequência evolutiva, desde as primeiras formas até ao seu desenvolvimento último na civilização Ocidental. Mas não se deve supor que ao discutir a religião Australiana, e não a nossa, nós, estamos a revelar a religião primitiva, ou que ao discutir a organização social Iroquiana

revertemos aos hábitos de acasalamento dos primeiros antepassados do homem.

Uma vez que somos forçados a aceitar que o homem constitui uma espécie, conclui-se daí que por toda a parte o homem tem atrás de si uma história igualmente longa. É possível que certas tribos primitivas se tenham conservado mais próximas de formas primitivas de comportamento do que o homem civilizado, mas pode suceder que isto seja apenas relativo, e as nossas suposições tanto podem ser verdadeiras como erróneas. Não se justifica que identifiquemos qualquer primitivo costume actual com o tipo original de comportamento humano. No ponto de vista de método só há uma maneira de atingir um conhecimento aproximado desses estádios primitivos da humanidade; pelo estudo da distribuição desse pequeno número de feições universais ou quase universais da sociedade humana. Muitas são bem conhecidas. Dentre elas todos concordam em contar o animismo <sup>(1)</sup> e as restrições exógamas sobre o casamento. Mais questionáveis são as concepções, que afinal mostram ser muito diferentes, sobre a alma humana e sobre uma vida futura. Crenças quase universais como estas últimas, podem justificadamente considerar-se como invenções humanas extraordinariamente antigas. O que não quer dizer que as consideremos determinadas biologicamente, pois que podem ter sido invenções muito primitivas do homem, feições «de berço» que se tornaram fundamentais em todo o pensar humano. Em última análise podem ser tão socialmente condicionadas como qualquer costume local. Mas tornaram-se desde há muito automáticas no comportamento humano. São antigas e universais. Mas não podemos concluir daí que as formas que hoje se podem observar sejam as formas originais surgidas nos tempos primitivos. Nem há qualquer processo de reconstituir essas origens a partir do estudo das suas variedades. Podemos isolar o núcleo uni-

(1) Crença na existência do espirito em toda a Natureza.  
(N. do T. alemão)

versal da crença e derivar dele as suas formas locais, mas apesar disso é ainda possível que a feição particular tenha surgido de uma forma local pronunciada e não de qualquer mínimo denominador comum de todas as formas observadas.

Por isto, a utilização de costumes primitivos no estabelecimento de origens é de natureza especulativa. É possível formular um argumento em apoio de quaisquer origens que se desejem, origens que se excluam mutuamente ou que sejam complementares. De todas as utilizações de material antropológico, é este aquele em que especulação seguiu especulação mais rapidamente, e em que, pela própria natureza da questão, não é possível fazer prova.

Tão-pouco a razão de utilizar sociedades primitivas na discussão de formas sociais está necessariamente relacionada com um romântico regresso ao primitivo. Ele não se filia em qualquer espírito de poetização dos povos menos evoluídos. Sob muitos aspectos a cultura de um ou outro povo seduz-nos fortemente nesta era de padrões heterogêneos e de confusa agitação mecânica. Mas não é num regresso a ideais conservados por povos primitivos para nosso proveito, que a nossa sociedade curará os seus males. O romântico Utopianismo que anseia pelo primitivo mais simples, por atraente que por vezes possa ser, constitui nos estudos de antropologia tanto um empecilho como um auxílio.

O estudo cuidadoso das sociedades primitivas é hoje, como dissemos, importante, mas por fornecer material para o estudo de formas e processos culturais. Ajuda-nos a distinguir as respostas específicas de tipos culturais locais, das que são gerais na Humanidade. Além disto ajudam-nos a avaliar e compreender o papel imensamente importante de comportamento culturalmente condicionado. A cultura, com os seus processos e funções, é um assunto sobre que necessitamos todo o esclarecimento possível, e em nada como nos factos das sociedades pré-letradas nós podemos buscar colheita mais compensadora.